

POSTS DIGITAIS: ESCRITAS MEMORIALÍSTICAS NAS REDES SOCIAIS DO ORKUT

Robson Fonseca Simões

Doutor em Educação (ProPEd/ UERJ)
IFRJ- Instituto Federal do Rio de Janeiro
fonsim2000@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, procuro refletir sobre os *posts* digitais encontrados nas redes sociais do Orkut, mais especificamente, nas comunidades escolares do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio São Bento do Rio de Janeiro e do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, considerando-as fontes historiográficas para a História da Educação. O trabalho com a memória pode nos ajudar a descrever alguns aspectos ligados à vida escolar por meio das situações vividas pelos ex-alunos; nas palavras de Sibilia (2008), um verdadeiro festival de vidas privadas, um “show do eu”. Se a mão dos sujeitos incansavelmente deslizava, anotava os apontamentos da vida cotidiana em diários íntimos, cadernos, folhas, em caráter secreto, num tempo das tecnologias digitais, o usuário move-se sobre teclados, telas, deixando registros da sua vida, tornando, portanto, visíveis as suas histórias do cotidiano escolar, o que nos instiga a pensar que o registro das experiências escolares possibilita ao sujeito “desnudar-se”. Valho-me dos estudiosos Castillo Gómez (2002), Chartier (2002), Bakhtin (1999), Souza (2007), Marcuschi (2010), Lèvy (1999) e Lejeune (2009) para ajudar a pensar que os sujeitos também se constroem nos diversos suportes das escritas pessoais. Assim, essas escritas de si postadas na web, podem se constituir elos no tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em contar as suas histórias escolares nesses novos suportes de escrita.

Palavras-chave: Escritas de ex-alunos. Memórias escolares. Redes sociais do Orkut. História da Educação.

Abstract: In this article, fruit of my research theory, i try to contemplate on the writings of itself found in the social communities of Orkut, more specifically, in the school communities *Colégio Militar do Rio de Janeiro* and *Colégio Marista São José do Rio de Janeiro*, considering them virtual autobiographical writings about the school life; in the words of Sibilia (2008), a true festival of private lives, that they offer to the glances of the whole world, a “show of the me”. If the hand of the subjects tirelessly slid, he wrote down the notes of the daily life in intimate diaries, notebooks, leaves, in secret character, in a time of the digital technologies, the user moves on keyboards, screens, leaving registrations of his life, turning, therefore, visible their histories of the daily school. How do the users narrate their school histories? Who are those navigators? Those subjects urge me to think that the registration of the school experiences makes possible to the subject (Souza, 2007), to choose significant narratives of a time of the school. I am worth myself of the specialists Chartier (2002), Aymard (2009), Muzart (1998), Lèvy (1999) and Lejeune (20009) to help to think that the subjects are also built in several supports of the personal writings. Those written of itself posted in the web, links can be constituted in the texts of the memories of the subjects that they are not frightened in counting their school histories in those new writing supports.

Keywords: Written of itself. School life`s Memory. Communities of Orkut. History of the Education.

O sgt Tavares faz parte da historia do CMRJ. Me lembro de outra ocasio, em que ele inventou de ordenar que os alunos, em forma, no patio da 2ª cia, retirassem o sapato do pe esquerdo, sem colocar o pe no chao. Depois, ordenou que retirassemos o outro sapato, tb. sem colocar os pes no chao... Apos, todos estarmos sentados, ordenou que colocassemos os sapatos, e que o ultimo a calçar seria punido, teria o nome e numero anotados¹

Ele usava um oculos ray-ban, e no patio da 2ª cia, nas aulas de instrucao militar, ele virava a cabeça na direcao da esquerda, por exemplo, e um aluno qualquer, à direita, fazia um movimento, no que ele imediatamente apontava o indicador para a direita, mas ainda com a cabeça virada para a esquerda, e gritava: VOCE, NOME E NUMERO²

Revisitando a obra épica Camoniana, numa tentativa de propor um diálogo literário com este estudo, procuro relembrar o momento glamouroso em que os heróis lusitanos, após as suas conquistas e batalhas, foram surpreendidos na ilha dos Amores, território prodigioso para novas conquistas; nesse sentido, traço uma possível intertextualidade, considerando as escritas memorialísticas nas redes sociais virtuais, territórios prodígios para a História da Educação brasileira³. Ora, o trabalho com a memória pode nos ajudar a descrever alguns aspectos ligados à vida escolar por meio das situações diárias vividas pelos ex-alunos, como por exemplo, no exercício militar, ou em outras palavras, a ordem unida, trazendo possíveis novidades, numa revisita às rotinas daquele espaço geográfico e social escolar, mesmo observando uma escrita despojada de regras normativas de acentuação gráfica nas palavras.

Os depoimentos sobre o Sargento Tavares, na epígrafe deste texto, ainda que isentos de aplicações das regras de acentuação das palavras da língua portuguesa, apoiam-se, sobremaneira, nas atividades dos exercícios militares com os ex-alunos no pátio daquela instituição de ensino, como também iluminam os hábitos de vida militar, as formas de sociabilidade do militar instrutor com os ex-alunos e as práticas culturais desenvolvidas por aquela escola. As aulas de instrução militar, portanto, estão inscritas numa rede social em que os sujeitos constroem suas representações livres de moldes ou regras linguístico, o que não compromete o relato postado.

A escrita, como representação de ideias ou palavras codificadas nos mais diversos suportes culturais, é parte integrante de uma realidade social; é possível entender que nesses ambientes linguísticos, os sujeitos criam sistemas, instrumentos, estruturas, para auxiliá-los

¹ Escrita retirada do Fórum *Quem se lembra do SGT Tavares?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Eduardo C. no dia 12/11/2005.

² Escrita retirada do Fórum *Quem se lembra do SGT Tavares?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Roberto C. no dia 10/12/2005.

³ Este artigo é uma revisita a minha Tese de doutorado defendida no ProPEd, UERJ, em 2012, sob a orientação da profª Drª Ana Chrystina Venancio Mignot.

na interação e no diálogo com o outro; nessa acepção, talvez, seja possível recorrer aos estudos de Castillo Gómez (2002) para compreendermos a história social da cultura escrita:

la historia del lenguaje y de la cultura escrita no puede ser exclusivamente una historia de los sistemas de escritura, sino que debe interpretar el contenido y la modalidad de las diferentes prácticas de lo escrito. el valor y el uso que las distintas sociedades le han dado y le dan. Esto implica entender la escritura como una tecnología de razonamiento y comunicación social capaz de generar modos propios de pensar el mundo y construir la realidad, advirtiendo que esas potencialidades dependen de las condiciones de su posibilidad, de la distribución histórica de las capacidades de escribir y leer, de los discursos. (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 116)

Por sua vez, Freitas (1998) comenta que os aspectos são significativos dentro dos contextos em que a comunicação ocorre, pois a linguagem é o resultado da construção coletiva de um determinado grupo social, evidencia o seu caráter sociocultural. Consequentemente, por se tratar de um fenômeno social, considera-se que a língua precisa ser compreendida como inseparável do processo comunicativo, sendo despertada nessas relações pelo fato de que, através da linguagem, o ser humano tem acesso à cultura e ao conhecimento que o farão refletir na relação com o outro.

Como na interação face a face, a interação tela a tela requer dos usuários algumas habilidades que envolvam possíveis conhecimentos paralinguísticos e socioculturais; isso significa dizer que essa atividade comunicacional, assim como as demais, se apresenta ligada a uma vinculação situacional⁴; não pode a língua, nessa esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva (Marcuschi, 1991). Nesse sentido, a linguagem pode ser entendida e produzida no e pelo contexto sociocultural. O *post* abaixo, encontrado na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, pode nos ajudar a pensar essa reflexão.

Valew, galera. Istudei de 1969 a 1971. Pra ficar mais fácil, era conhecido no col. como Marrinha. Tb fui um dos desafinados do coral e um dos piores jogadores de futebol do colégio⁵

A escrita memorialística do usuário Maurício nos remete à sua história naquele colégio: o seu pertencimento ao coral da escola, assim como ao time de futebol do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro; a ortografia, observada nas palavras *Valew*, *Istudei* e *Tb* no seu depoimento, apresenta os traços linguísticos não normativos que estão presentes nessa rede social; é possível examinar que esses elementos linguísticos são compreendidos nessa vinculação situacional, nessa interação social da web. Assim, Bakhtin (1999) sugere que sendo a palavra o material privilegiado de interação entre as pessoas, não pode a linguagem, portanto, ser compreendida separadamente do fluxo daquela comunicação verbal:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da

⁴ MARCUSCHI, Luis Antonio, *Análise da conversação*, São Paulo, Ática, 1991.

⁵ Escrita retidada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Maurício em 24/05/2005.

interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1999, p.123)

À luz da concepção interacional da linguagem essencialmente dialógica proposta por Bakhtin, essas escritas das comunidades escolares também podem ser vistas como o próprio lugar da interação verbal, e os usuários, como sujeitos ativos, empenhados dialogicamente na produção de sentidos. Observam-se diferentes estratégias linguísticas dos usuários ao relatarem as suas vidas escolares nessa rede social; a produção da linguagem dos sujeitos estabelece elos com as palavras, unindo através da memória, as histórias vividas pelos ex-alunos. É o que se pode examinar a seguir, nos *posts* dos usuários no Fórum *Alunos dos anos 70* da Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.

OMARRRRR E A NOSSA VIAGEM PARA S PAULO EM 70?
LEMBRO DO
FRANCO,ANDREA,MOSCATO,HUMBERTO.QUANTA SAUDADE...
A FESTA NO ÔNIBUS, OS LANCHES COM COCA-COLA,
ABSSSSSS⁶

Kara, como eu me lembro!!!!!!!!!!!!!! ela não sai da minha cabeça... Tempos bons... Valeuuuu!!!!⁷

Eu Tb fui. O Talles jogou nosso lanche fora, se lembra? Ele não era fácil.... Ele era bacana.... Ele mora no nosso coração!!!!⁸

Numa possível aproximação às escritas dos usuários Carlos, Mário e Cícero, no Fórum *Alunos dos Anos 70*, na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, o que talvez salte aos olhos desse pesquisador, seria o desejo de interação dos sujeitos nessa rede social; é possível observar a mesma data, a saber, 19 de novembro de 2005, na postagem dos três ex-alunos; os usuários estão empenhados na produção de textos com vistas à memória de um tempo escolar: eles não só procuram ser cooperativos, como também conegociam, coargumentam (Marcuschi, 1991), a tal ponto, quem sabe, não ter sentido, analisar separadamente as produções de cada sujeito. Nesses relatos, ocorrem influências de ordem pragmática da língua que se sobrepõem, muitas vezes, às exigências da sintaxe⁹ ou da normatividade da língua.

As marcas da oralidade podem ser observadas nos relatos das redes sociais na medida em que muitos referentes são ambíguos; procurando analisar o depoimento do usuário Mário, postado após a do usuário Carlos: ao iniciar a sua narrativa com o pronome pessoal feminino da 3ª pessoa, o ex-aluno não especifica na sua escrita, se se refere à viagem ou à ex-aluna Andrea Moscato, palavra citada no relato anterior. Esse uso é recorrente na linguagem oral, que pode ser recuperável na própria situação discursiva (Koch, 2010), apontando, dirigindo o olhar ou fazendo um gesto qualquer na direção do interlocutor. Além disso, a repetição de palavras também ocorre com muita frequência nas escritas das comunidades escolares do Orkut, podendo mesmo ser considerada um dos mecanismos

⁶ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Carlos no dia 19/11/2005.

⁷ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Mário no dia 19/11/2005.

⁸ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Cícero no dia 19/11/2005.

⁹ KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

organizadores dessa modalidade textual; talvez, aqui esteja desempenhando um recurso enfático para que se narre as memórias dos sujeitos, aproximando-os ao texto falado. Não é difícil observarmos no depoimento do usuário Cícero, o número de vezes que é utilizado o pronome pessoal de 3ª pessoa, para se referir ao amigo Talles do tempo escolar.

Um dos possíveis sentidos para a escrita do usuário Carlos, toda grafada em letras maiúsculas, quem sabe, seja o seu brado representado em palavras; ao referir-se à viagem a São Paulo com a turma em 1970, talvez o tenha deixado com muitas saudades, transformando a sua emoção em escritas digitais. Nesse percurso linguístico, tanto a sentença interrogativa utilizada no início do relato, que sugere uma aproximação a esse tema, quanto à escolha do modo verbal indicativo, reforçam um acontecimento marcado por saudades, como o das brincadeiras no ônibus e os lanches oferecidos naqueles passeios. O seu contentamento, grafado em palavras com as letras em caixa alta, transita entre o tempo cronológico da viagem a São Paulo e o tempo linguístico do locutor; a sua escrita no presente evoca a memória dos momentos passados nesse passeio escolar, permitindo levar na bagagem a saudade dos amigos Franco, Andrea, Moscato e Humberto. Os estudos de Le Goff (2003) oferecem contribuições para nos ajudar a pensar as representações do tempo e a história: "O passado é uma construção e uma reinterpretação constante, e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história." (Le Goff, 2003, p.25)

Se no itinerário linguístico do mar da web, nos depararmos com expressões, sintagmas, signos, palavras carregadas de sentidos naquele espaço virtual, produzindo, destarte, efeitos polissêmicos, ambíguos, quiçá, poderemos encontrar outros usos da linguagem nas comunidades escolares do Orkut, os organizadores textuais típicos da oralidade¹⁰, conforme nos revelam os *posts* a seguir.

Isso é que é voltar ao passado, em 1969, mas daí vai ser quase impossível encontrar e lembrar de alguém desta época. Entaum fica o meu registro. Aí lembro dos gêmeos, e da turma. Um grande abraço a todos! Valeu¹¹

Aí, sou de 67 a 71. Então, vida ótima no Marista São José. Ah! futebol jogava muito!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!¹²

Tenho fotografias da turma da época. hahahahahah...Aí...lembro tbm do cheiro daquela fábrica que invadia as salas de aula, então, aquele aroma me lembro até hoje. Só naum me pergunte mais detalhes, vlw? E do S. Davi que era o dono da frota de ônibus que servia ao Colégio, daí eu ia de carona. Abraço a todos!¹³

As escritas memorialísticas dos sujeitos deixam entrever o apego à produção de enunciados férteis em organizadores textuais típicos da oralidade; em sua narrativa, o usuário Bruno L. evoca o seu passado escolar em 1969, afirmando ser um pouco difícil, lembrar dos seus amigos. A preferência pela utilização dos termos da oralidade *daí* e *aí* em seu discurso, assim como a variante vocabular *entaum*, quem sabe, possam oferecer pistas de que no Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro,

¹⁰ KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

¹¹ Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Bruno L. no dia 11/03/2005.

¹² Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Eduardo P. no dia 10/04/2005.

¹³ Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Lívio no dia 12/05/2005.

os usuários possuem liberdade linguística para registrar as suas memórias; nesse sentido, esses *scraps* observados no fluxo da interação verbal, que se processa nesse contexto, através de relações de sentido são, portanto, dialógicas (BAKHTIN, 1999).

Há de se observar também nessas memórias virtuais, a combinação de enunciados curtos e elementos linguísticos da oralidade; as palavras do usuário Eduardo P. oferecerem essa compreensão ao se referir ao período escolar: “Aí, sou de 67 a 71”. O relato do usuário Lívio pode servir de exemplo para se pensar o tom não normativo utilizado nessas postagens virtuais; o emprego dos signos *naum*, *hahahahaha*, *tbm* na sua escrita, faz alusão a um aroma nas cercanias da escola, aproximando-se, assim, dos aspectos informais da fala cotidiana. Esses relatos produzidos nos Fóruns das comunidades escolares do Orkut nos instigam a pensar em possíveis novas interlocuções de linguagens, formas diversas de produzir sentidos e estabelecer relações entre os sujeitos nas mais diversas situações de interação (Marcuschi, 1991).

Ávidos em relatar as suas histórias escolares nos Fóruns das comunidades escolares do Orkut, os sujeitos tropejam os seus *posts* no mar da web, sendo possível examinar uma turbulência de histórias dispersas, não lineares; assim, fatos, encantos, desencantos, são postados nas páginas do Orkut, sem um possível ordenamento lógico; é o que podemos examinar nas escritas do usuário Lívio, ao se lembrar de dois temas distintos: o aroma que invadia as salas de aula, assim como as possíveis caronas cedidas pelo Sr. Davi, responsável pela condução dos alunos naquela instituição de ensino. Para poder acompanhar, esses usuários abrem mão de um fio narrativo que conduza um sentido único, aceitando, assim, a miríade discursiva dessa rede social virtual. Nesse sentido, os estudos de Prost (2008) sobre a narratividade da história nos instigam a pensar que uma narrativa pode referir-se a qualquer objeto histórico, adaptando-se, inclusive a qualquer ordem cronológica:

A narrativa não é necessariamente linear; haveria certo abuso em restringir o gênero aos textos que respeitam uma estrita ordem cronológica. Por um lado, esse respeito é, em geral, impossível, inclusive, na mais tradicional história *événementielle* e política. Imaginemos, por exemplo, um relato dos acontecimentos de 13 de maio de 1958: se o narrador pretender ser claro, evitará o vaivém incessante de Paris para Argel e inversamente, mas, no interior de um quadro globalmente cronológico, delineará sucessivamente os episódios argelinos e os episódios parisienses concomitantes se tivessem sido apresentados, em ordem cronológica, imbricados uns nos outros. Por outro lado, a narrativa adapta-se a múltiplos procedimentos literários que tornam a exposição mais viva e, às vezes, mais significativa. (PROST, 2008, p. 213)

Se ao singrarmos esses mares da internet, num mergulho agora, nas águas da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, no Fórum *Infante- De que ano?*, quem sabe, possamos encontrar mais disposição linguística em observarmos nessas escritas, indícios de justaposição de enunciados, sem qualquer marca de conexão explícita, assim como segmentações gráficas nas memórias escolares dos ex-alunos. Um possível mergulho nas narrativas a seguir, poderá exemplificar essas reflexões de linguagem: “ExAl Carlos Magno Cia de Infantaria Por ti daria a vida minha 676869”¹⁴; “Internato&Aluno 19661971 Infante ex tiro alvo campeão”¹⁵.

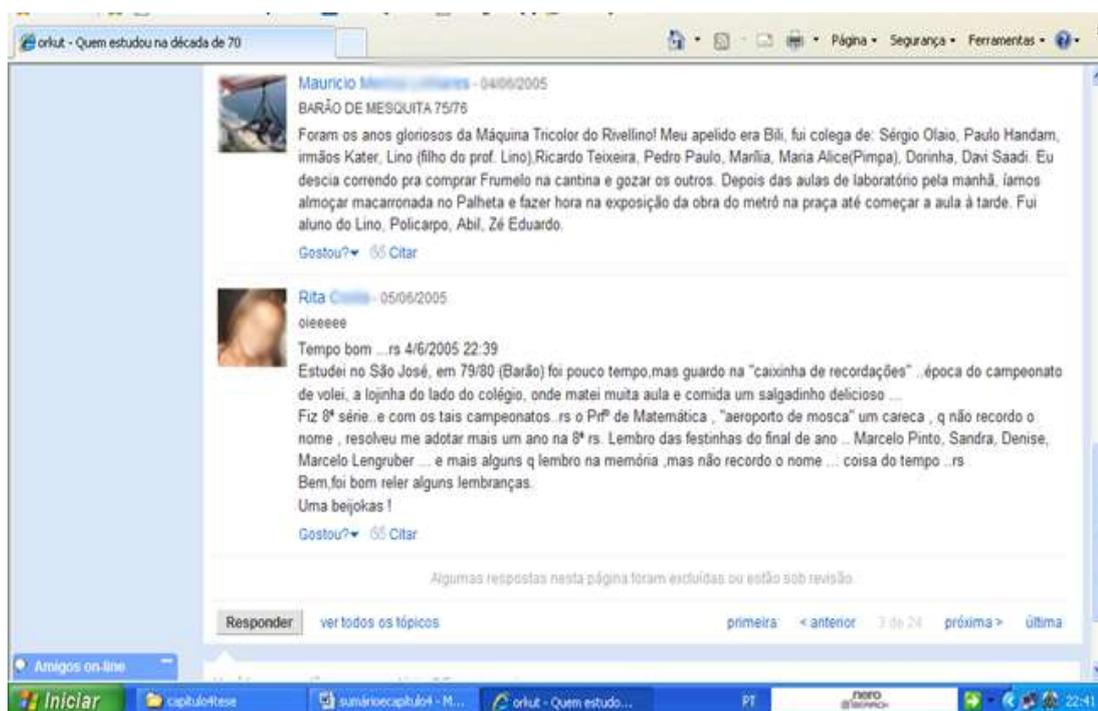
¹⁴ Escrita retirada do Fórum *Infante- De que ano?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Carlos M. no dia 11/02/2005.

¹⁵ Escrita retirada do Fórum *Infante- De que ano?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Rui M. no dia 24/03/2005.

As memórias dos usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro parecem despertar o entusiasmo dos usuários Carlos M. e Rui M., no Fórum *Infante – De que ano?*, em poderem construir seus enunciados sem sequer uma pontuação nas suas sentenças; logo, a linguagem telegráfica também está incorporada nessas escritas digitais. Observa-se, assim, nas suas escritas memorialísticas, uma harmonia e combinação de números, letras e palavras, sem uma conexão explícita, contudo possíveis de significados para os sujeitos que visitam aquele espaço virtual.

Possivelmente, imbuído de uma paixão pela instituição de ensino, o usuário Carlos M. declara que estudou de 1967 a 1969, afirmando que daria a vida pela Companhia de Infantaria daquela escola; ao passo que o *post* do usuário Rui M. revela que o ex-aluno foi um campeão na atividade esportiva tiro ao alvo, e morou no internato daquela instituição de ensino, entre 1966 a 1971. Os estudos de Bakhtin (1999, p.41) mostram que: “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais.” Nesse sentido, é à luz dessa reflexão que esses *scraps* nas comunidades escolares do Orkut podem ser avaliados; essas narrativas têm estruturas que lhes são próprias, proporcionadas pelas circunstâncias sociocognitivas de suas produções. Mas afinal, qual é este modelo de escrita que esses usuários das comunidades das escolas produzem?

Apesar da possível complexidade que envolve a questão, não é raro, deparar-se com as várias reflexões de escrita, dependendo do ponto de vista do pesquisador: um produto sócio-histórico-cultural, em diversos suportes e demandando diferentes modos de leitura (Chartier, 2003); uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimentos e o uso de várias estratégias no curso da produção do texto (Torrance & Galbrart, 2006); representação do pensamento de um sujeito psicológico, individual, controlador de sua vontade e de suas ações (Koch, 2010); uma produção textual em cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias (Beaugrande, 1997). Este tipo de escrita se pode observar nas comunidades escolares, conforme se pode examinar na figura a seguir.



Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 18/12/2011

Os depoimentos postados pelos usuários Maurício M. e Rita C. no Fórum *Quem estudou na década de 70*, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, numa tentativa de evocar as suas memórias escolares, não podem ser compreendidos apenas em relação à apropriação das regras normativas da língua portuguesa, como podemos observar no trecho: “[...]foi bom reler alguns lembranças”, mas sim, em relação à intenção autor-interlocutor, levando em conta, as possíveis intenções daqueles sujeitos que fazem uso da língua materna para atingir o seu intento.

Na concepção interacional ou dialógica da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve, são vistos como atores sociais, sujeitos ativos que se constroem e são construídos no texto virtual. Logo, o sentido da escrita nessas redes sociais é um produto dessa interação de memórias postadas, não um resultado apenas do uso dos códigos normativos e/ou não normativos. Numa interação de escrita assentada na interação, o sentido é um constructo (KOCH, 2010). Assim, os enunciados produzidos nas comunidades escolares podem constituir um novo gênero discursivo, pois apresentam os três elementos – conteúdo, estilo verbal e construção composicional – nos quais “fundem-se indissolúvelmente no enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação [...] sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1998, p.279).

Que modelo de escrita é encontrado nesses Fóruns das Comunidades escolares? Jornalístico? Literário? Diarista? Ordinário da escrita escolar? Quiçá, seja interessante mergulhar em outras águas desse mar da web; o destino agora será as escritas do Fórum *Que coisas marcaram?*, na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, como se pode examinar nos *posts* a seguir.

O que mais me marcou... Ah! foi a grande Olimpíada em 1969. eu estava no 2º ano e jogava vôlei no time do colégio. Ficamos em 1º lugar naquela oportunidade. Foi demais mesmo. Bjs.¹⁶

Quando as coisas passavam do limite eramos convidados para uma visitinha na sala da paz... Chiiiiii.... Fui muitas vezes para essa sala... Abc.¹⁷

Num esforço em poder examinar os possíveis sentidos nos relatos dos usuários Marcos R. e Júnior, no Fórum *Que coisas marcaram?*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, é possível observar que os seus *posts* tratam tanto das vitórias alcançadas nas olimpíadas daquela instituição de ensino, quanto das visitas à sala da paz. Essas memórias podem pressupor a existência de um auditório social¹⁸, ou em outras palavras, uma rede social virtual. Para Bakhtin (1999), o que determina a palavra é o que ela procede de alguém e se dirige para alguém; no entanto, essa orientação para o outro subentende que se leve também em consideração uma interação social que permeia a relação ente os interlocutores em dada esfera da comunicação verbal. Nesse sentido, o discurso nasce, portanto, de uma situação pragmática (Fiorin, 2008) e está intimamente conectado a essa situação que o engendrou, por isso não pode dissociar-se do social, sob pena de perder a sua significação.

A competência linguística do sujeito propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas: “não contamos piada em velório, nem cantamos o hino do nosso time de futebol em uma conferência acadêmica, nem fazemos preleções em mesa de bar” (Koch, 2010, p.54). Nessa acepção, é essa competência que possibilita aos sujeitos de uma interação não só diferenciar os diversos gêneros linguísticos, isto é, saber se estão diante de um horóscopo, bilhete, diário, poema, anedota, aula, conversa telefônica etc, como também identificar as práticas sociais que os solicitam.

Ora, as narrativas dos Fóruns das comunidades escolares também fazem parte da vida dos sujeitos. Olson (1997) interpreta as mudanças culturais associadas às mudanças nas formas de comunicação em termos de alterações nas práticas de escritas sociais:

Os efeitos da escrita sobre as mudanças intelectuais e sociais não são de fácil compreensão... É enganoso pensar a escrita em termos de suas consequências. O que realmente importa é aquilo que as pessoas fazem realmente com ela, e não o que ela faz com as pessoas. [...]a posse de um registro escrito pode permitir que se faça algo antes impossível: reavaliar, estudar, analisar, reinterpretar e assim por diante [...]. (OLSON, 1997, p. 7)

Se as esferas de utilização da língua são extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, inclusive aqueles encontrados nas redes sociais do Orkut, como podemos examinar nas escritas memorialísticas da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro a seguir.

¹⁶ Escrita retirada do Fórum *Que coisas marcaram?*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Marcos R. no dia 12/07/2005.

¹⁷ Escrita retirada do Fórum *Que coisas marcaram?*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Júnior o no dia 16/08/2005.

¹⁸ FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *A escrita na internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo?* In: *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Eu estudei de 1973 até 1979... fui da cavalaria e no meu tempo ainda havia a Cia Esp... era muito bom não ter arma no 3º ano.. uma pena ter acabado... tenho muitas saudades RS.¹⁹

Eu entrei lá em 1971 na 6ª série. Repeti a 7ª série e o 1º ano do 2º grau. Fui da Artilharia. Muitas saudades do nosso colégio. Abço.²⁰

Eu estudei nos anos de 1970 a 1974, fui das comunicações. aprendi muitas coisas, que hoje ensino ao meu filho. Tb saudades. valew²¹

As memórias dos usuários Cyro M., Altamiro M. e Washington nas quais relatam os seus pertencimentos nas diversas especialidades militares na instituição de ensino, a saber: cavalaria, artilharia e comunicações, também oferecem um tom saudoso dos tempos escolares; essas práticas discursivas das quais participam os sujeitos são modeladas, remodeladas, produzindo novas modalidades discursivas na vida. Nesse sentido, Bakhtin (1999) sugere:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1999, p.55)

Partindo da concepção Bakhtiniana da qual os gêneros são enunciados relativamente estáveis, em cuja constituição entram em cena elementos referentes aos conteúdos, composição e estilo; refletindo sob as lentes dos estudos linguísticos de Marcuschi (2004) nos quais afirmam que é impossível pensar em comunicação a não ser por meio de gêneros textuais, entendidos como práticas socialmente constituídas com propósito comunicacional configuradas concretamente em textos; e baseado no que defende Koch (2010) sobre a competência linguística dos falantes da língua, que lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem em diversas práticas sociais, talvez, seja possível afirmar que os gêneros discursivos são vários, assim como são diversas e inesgotáveis as práticas sociais da atividade humana.

À medida que essas práticas tornam-se mais complexas, num processo de evolução, os gêneros dos discursos vão sendo incorporados por outros, passando por uma nova reestruturação (Freitas, 2005). Nesse sentido, quem sabe, ser possível afirmar que essas novas escritas memorialísticas das comunidades escolares do Orkut, diferentemente de esgotarem todas as possibilidades de gêneros discursivos, possam ampliar a discussão sobre as tipologias textuais, mais especificamente, uma estrutura composicional do gênero discursivo eletrônico, oferecendo como fortuna linguística, os depoimentos dos usuários, as

¹⁹ Escrita retirada do Fórum *Quando vc estudou no CMRJ?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Cyro M. no dia 21/06/2004.

²⁰ Escrita retirada do Fórum *Quando vc estudou no CMRJ?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Altamiro J. no dia 14/07/2004.

²¹ Escrita retirada do Fórum *Quando vc estudou no CMRJ?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Washington no dia 01/09/2004.

suas memórias de um tempo de escola, que são produzidas por esses usuários nesse novo suporte textual.

Mas como esses usuários se apropriam dessas escritas nesses espaços virtuais nos quais são postadas as suas memórias escolares? Talvez, da mesma maneira que os velhos lobos do mar, tripulantes que se aventuram pelos cruzeiros marítimos, seja num transatlântico, num cargueiro, numa nau ou em qualquer embarcação que ouse singrar os oceanos, cruzar os mares, procurem adaptar as suas habilidades e experiências nas novas investidas no mar, os sujeitos procuram integrar as suas narrativas às novas práticas cotidianas de escrita na web, utilizando a telinha como o outro possível suporte para comunicação. Os estudos de (Chartier, 2001, p.145) acenam: “esses textos são também imagens, no sentido de que têm uma forma específica[...]; a forma dos textos tem importância para o seu deciframento, para a sua inteligibilidade e a sua compreensão”. Quem sabe, os *posts* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, a seguir, possam auxiliar nessa compreensão.

Oi, Rose! Fiquei triste por saber que o Lilico faleceu e acabei de saber que o Lino de biologia tb. morreu. Que tristeza! eram excelentes professores. Eu naum gostava muito de história, mas com o Lilico era mais fácil. Se vc souber de mais alguém da nossa turma, me avise. Vc. lembra do Hélio, Ana Teresa Bernardes? Não sei se eles tb. foram da sua turma. Se vc quiser me add, ok? Podemos nos comunicar mais. Abraços.²²

Saí do São José em 1970. Fui aluno de todos os prof. Infelizmente informo p/ vc que o Plácido tb já faleceu.²³

Os *scraps* dos usuários Cristiane C. e José R. no Fórum *Quem foi aluno do Lino, Lilico e Plácido?*, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, ratificam os possíveis sentidos nos depoimentos dos sujeitos, a partir das lentes de um sistema de significações ou relações virtuais; ao receber a informação da morte de dois professores, através dessa rede social, a ex-aluna registra o seu sentimento de tristeza; logo a seguir, um outro usuário complementa a informação da morte de mais um professor. Observei que também a partir desse pertencimento virtual, há uma preocupação em socializar as informações, em manter todos os outros usuários informados acerca de um assunto.

Mas como são os ritmos das narrações dos usuários nos Fóruns das comunidades escolares do Orkut? Essas práticas de escrita de si nas redes sociais virtuais possibilitam aos sujeitos trocarem mensagens, *posts*, *scraps*, trazendo as suas memórias escolares, nos Fóruns das comunidades escolares, estreitando laços de amizade, aproximando usuários, possivelmente distantes nos espaços geográficos, provavelmente, na solidão das grandes cidades. Essas relações de sociabilidade, através dessas escritas de si postadas na rede social do Orkut, representam não apenas registros escritos, mas a possibilidade de se ter um espaço para troca de ideias, fortalecimento de vínculos afetivos.

Chartier (1999) lembra que a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações e demonstrações segundo uma lógica não necessariamente linear nem dedutiva, mas que pode ser aberta, clara e racional graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais, ou seja, trata-se de um processo de escrita/leitura realizado no ciberespaço não

²² Escrita retirada do Fórum *Quem foi aluno do Lino, Lilico e Plácido?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Cristiane C. no dia 10/11/2005.

²³ Escrita retirada do Fórum *Quem foi aluno do Lino, Lilico e Plácido?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário José R. no dia 17/11/2005.

determinado. Por sua vez, Nicolaci-da-Costa (2006) também observa que a revolução digital com o surgimento do hipertexto, ou seja, de um texto não linear, não sequencial e repleto de *links* que remetem a outros textos, inaugura a possibilidade de diálogo entre escritores e leitores; pode-se dizer que no hipertexto, o usuário ganha uma oportunidade de leitura diferenciada da de um leitor do texto impresso, remetendo a outros textos, encorajando ainda mais a subversão dessa ordem, de modo que, os leitores possam mover-se de um bloco a outro do texto, de maneira ágil e não sequencial.

Delory-Momberger (2008) destaca que a narrativa é o momento primeiro do processo de produção de uma história de vida, um prenúncio. Examinando-se com as lentes das suas experiências históricas e sociais, os seus registros escolares saltam aos olhos, tornam-se visíveis aos sujeitos dessa rede social. A figura a seguir, pode exemplificar possíveis compreensões nas histórias de escola dos ex-alunos na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

Certeau (1982) explica que os discursos são emitidos de um dado lugar, um lugar temporal, espacial, institucional; um lugar de fala ou de autoria; um lugar social. Por sua vez, Aymard (2009) sugere que ao sujeito nunca faltaram mediações sociais. Desse modo, percebe-se que o indivíduo acumula experiências e laços sociais, que em parte serão esquecidos e desfeitos, em parte o acompanharão pela vida afora, estruturando ou animando seu espaço pessoal e social, mesmo que não haja cartas, lembranças ou escritas íntimas para comprová-los. Assim, sobre os laços sociais dos sujeitos:

Tais laços se conjugam com os da família e do parentesco para criar ao redor de cada indivíduo um conjunto de relações horizontais — com equivalência de idade, sexo ou situação social — ou verticais; em outras palavras, simétricas ou assimétricas, tranquilas ou conflituosas. Pois cada uma delas cria seu sistema de direitos e deveres, que uma casuística sempre mais sutil se empenha em colocar em ordem uma ordem hierárquica que forneça a solução racional e razoável para todos os casos. Sob esse aspecto o verbete "Amizade" da *Encyclopédie*, elaborado pelo Chevalier de Jaucourt, constitui um modelo do gênero. Contrariamente à tradição estoica, que apreciava colocar os problemas em termos de tudo ou nada, não há definição nem código único, e sim "deveres da amizade" que variam "de acordo com seu grau e sua natureza; o que acarreta outros tantos graus e naturezas distintas de deveres". (Aymard, 2009, p. 440)

Os estudos de Muzart (1998) sugerem que a internet reacende o gosto de ler e de escrever, apesar de afastar o usuário da máquina da página branca de papel, ligando-o à escrita no branco do vídeo, num ato de liberdade, escrevendo para partilhar os momentos de vida, as alegrias e o prazer. Por seu turno, Sibilia (2008) acena sobre a espetacularização da intimidade cotidiana na web, com todo um arsenal de técnicas na estilização das experiências dos sujeitos, multiplicando, assim, os números de narrativas para falar de si, realimentando, assim, os códigos apropriados pelos novos gêneros que proliferam na internet.

Com poesia, Britto (2001) anuncia em versos, a sua escrita autobiográfica: “Devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer, devia ter arriscado mais [...]ter feito o que eu queria fazer[...]cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração.[...]”. Por sua vez, ao analisar a escrita memorialística:

essa escrita pode assumir outras denominações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos, embora todas elas sejam sobreposições da trilogia clássica ou mais conhecidas: diário – memória – autobiografia. O que diferencia basicamente essas formas literárias de outras são as marcas da escritura do eu e os modos de inscrição de si mesmo, que resultam num pacto denominado por Philippe Lejeune de pacto autobiográfico. (Lacerda, 2003, p.38)

Uma ampliação, em termos históricos, dos trabalhos com a memória é proposta por Lejeune (2008), ao considerar que, atualmente, graças à tecnologia, as escritas e testemunhos de si apresentam-se em novas formas na internet. É possível observar, assim, que as escrituras do eu nos diários, correspondências e blogs vêm se destacando como fontes para investigação. Este gênero possibilita um ângulo privilegiado para a percepção dos microfundamentos sociais nas escritas de si. Talvez a reflexão de Lispector (1980, p.86): “[...]cada palavra é uma idéia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento” possa instigar a produzir os sentidos das escritas digitais dos alunos.

Este esforço de interpretação constitui-se, também, num exercício em apreender, através desse conjunto de textos, indícios das práticas de escritas escolares que almejam colocar em cena as histórias do cotidiano da escola; essas narrativas da vida escolar são possíveis discursos transitivos, vivos, na medida em que recompõem o sentido da história que enuncia; é o que se pode examinar na comunidade escolar a seguir.

Quando o assunto é o tempo estudado naquela instituição de ensino, encontram-se escritas no Fórum na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro designado: *Quando vc estudou no CM?* que traduzem os momentos temporais ali vividos. Ao revisitarem as suas vidas escolares, os ex-alunos tornam-se sujeitos de suas próprias histórias; protagonizam os acontecimentos passados, talvez, não divulgados, não socializados, que têm uma forma e sentido nas suas escritas memorialísticas. Nessa acepção, recorro à tessitura da intriga²⁴, para lembrar que a história de vida acontece na narrativa; assim, os narradores elaboram e experimentam as histórias das suas vidas; contudo, o tempo também se deixa mostrar através das narrativas; no das redes sociais virtuais, abrem-se as portas para uma libertação dos gêneros narrativos nos cliques dos sujeitos; nesse sentido, os novos territórios existenciais são criados, construídos e incorporados pelos sujeitos, em meio a uma teia de *links*, de símbolos e de significados.

Se a sociedade da informação e das tecnologias, mediadas por computador, vem se constituindo cada vez mais com *softwares* e *sites* para viabilizar o compartilhamento dos mais variados arquivos com documentos, desde publicações científicas, livros, fotografias, imagens até escritas íntimas, é possível observar também na trama da cultura virtual, entrevistas, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, e, mais recentemente, agendas e blogs aparecem no horizonte digital. Nessa acepção, surgem considerações a partir dessa forma subjetiva da escrita virtual, trazendo para discussão a privatização do público e a publicização do privado (Viñao, 2000): o tipo de diário íntimo virtual, representado pelas comunidades escolares do Orkut, ostenta esse paradoxo: ele é, ao mesmo tempo, íntimo e aberto a todos os usuários daquela página.

O espaço virtual tem-se mostrado ainda mais generoso ao oferecer múltiplas opções de narrativas sobre si para o usuário do tempo da *web*. Mas quem são esses navegadores que se materializam nos *scraps*?

²⁴ RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papirus, 1994.

Na tentativa de compreender, como sugere Chartier (2002), que as práticas são produzidas pelas representações nas quais os indivíduos e os grupos dão sentido aos seus mundos, caberia uma questão: como estes sujeitos se revelam nessas comunidades virtuais? Para tentar responder a essa questão, torna-se necessária uma reflexão acerca das possíveis identidades dos sujeitos nas comunidades do Orkut. Nasce, assim, uma discussão na página do Orkut, nesta comunidade escolar virtual. Os nomes escolhidos pelos sujeitos podem oferecer dúvidas quanto à veracidade. Não seriam heterônimos? Pseudônimos? *Nicks*²⁵? Ou quem sabe, *nicknames*? A questão da identidade do mundo virtual pode ser interpretada como uma verossimilhança literária, num processo de intermediação sociocomunicacional.

Nas janelas abertas dessas redes sociais virtuais, observam-se os *nicknames*. O espectro da representação provocado pelas tecnologias digitais desencadeou a presença verossímil de uma pessoa na rede, o hiper-eu, um alguém digital na comunidade escolar do Orkut que pode não ser o usuário; são os nomes criados pelos sujeitos da internet, que por um motivo ou outro, não necessariamente representam as suas identidades reais. Estes nomes têm um valor discursivo por ser uma espécie de apelido com o qual o usuário deseja ser reconhecido. Com o seu nome real ou não, esses sujeitos convocam a desmesurada publicização do privado, levando a exibição da intimidade e a celebração do tom confessional como forma de legitimar a performance da própria existência.

As estratégias com designações de outros nomes para identificar um sujeito não são utilizadas apenas na internet, não são de exclusividade do universo virtual. Quem sabe, um baile de máscaras, uma carnavalização na escrita da internet (Bakhtin, 1979) na medida em que essa transposição do carnaval pode caracterizar-se por proceder a uma inversão do cotidiano, por corresponder à vida escolar que não está escrita ou narrada nos documentos oficiais encontrados na instituição. A metáfora do carnaval sugere o espírito da excentricidade dos sujeitos no Orkut, possibilitando aos usuários revelarem os seus silêncios, as suas histórias não ditas nas vidas escolares.

Mediados pela cibercultura, os autores estabeleceram e ainda inventam novas estratégias de autoria, pensando sobretudo nas formas de relação que o usuário tem com o outro, ao preservar o seu anonimato. Mas o que é a cibercultura?

é o novo meio de comunicação; surge da interconexão mundial dos computadores; o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo cibercultura, ele especifica como um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, ou seja, o espaço virtual para a comunicação disposto pela tecnologia. (Lèvy, 1999, p.142)

Bergmann (2010) sugere que, talvez, o mais importante do que o questionamento da “veracidade” dos textos, das informações, dos depoimentos, ou mesmo das características dos usuários do Orkut seja justamente poder entendê-las como o efeito de um conjunto de práticas que, já há algum tempo, tencionam profundamente os domínios tanto da escola como o das novas tecnologias. Nesse sentido – e daí a importância de nos determos nesse tipo de material – é que a força e as possíveis verdades contidas nos meios de comunicação

25 Os *nicks* apresentam uma significação que vai além de uma estrutura formal. Grosso modo, sua função é identificar o participante de um espaço virtual. É reconhecido também como *nicknames*, por ser uma espécie de apelido com o qual o usuário deseja ser reconhecido. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

são ampliadas “de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar”. (Fischer, 1996, p. 124).

Considerações finais

As escritas de si nas comunidades escolares do Orkut anunciam as histórias do cotidiano escolar, das emoções vividas pelos ex-alunos. Assim, essas escritas de si constituem partes fundamentais do tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em narrar nessas novas materialidades de escrita, que interessam à história da cultura escrita, e que também unem os usuários das comunidades.

O cotidiano escolar é atravessado por momentos entremeados por fatos corriqueiros, traduzindo as experiências dos ex-alunos que marcam a história dos seus tempos escolares. De história em história, vai-se compondo o passado dos ex-alunos e, por entre as memórias, o despojamento dos costumes, valores, práticas escolares. Despertando o interesse de outros interlocutores nesse mar da web, as comunidades escolares do Orkut parecem que cumprem o papel em poder revelar, exibir, mostrar as memórias dos seus usuários com as postagens que trazem outras histórias, distantes daquelas encontradas nos regulamentos oficiais das instituições de ensino.

Talvez ali, numa direção adversa dos possíveis registros oficiais das instituições de ensino, estejam registradas outras histórias das culturas, histórias da vida escolar dos ex-alunos. Se essas redes sociais virtuais também são feitas de produções e tensões que nos permitem elaborar e partilhar sentidos, talvez ali mesmo, na fluidez e na intensidade dos fluxos, nos borramentos das fronteiras virtuais, seja possível observar imaginários e histórias, construindo em trânsito e em processo, quem sabe, os relatos de memórias que não puderam ser registrados em outras materialidades.

Assim, resta o desafio de não deixarem desmoroná-los, como os castelos de areia são desmoronados com os ventos do deserto, mas procurar deixar as memórias se fortalecerem, mesmo no universo efêmero, no imperativo da conexão, sob os olhares dos usuários das comunidades escolares do Orkut.

Referências

AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada, 3: da Renascença aos Séculos das Luzes**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. São Paulo: Forense universitária, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGMANN, Leila Mury. Por favor, aula hoje não!: o Orkut, os professores e o ensino. In: COUTO, Edvaldo Souza e ROCHA, Telma Brito (orgs). **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: Eduufba, 2010.

BERNARDO, Gustavo. A Leitura simpática do assombro. In: Revista ideias, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2008. p. 14.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.

CARUSO, Andrea. **Traço de União como vitrine: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do colégio Jacobina**. 2006. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto**. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. 2006. Disponível em: <[http:// www.anped.org.br/reunioes/trabalhosencomentados/gt04](http://www.anped.org.br/reunioes/trabalhosencomentados/gt04)> Acesso em 20/10/2011.

GIANNETTI, Cecília. **O amor está no ar**. In: Revista de *O Globo* de 03/04/2011.

GULLAR, Ferreira. **A Razão poética**. Disponível em <<http://www.cfh.ufh.br/magno>> Acesso em 20/01/2010.

HOMERO. **Odisséia**. Trad. Odorico Mendes; org. Antônio Medina Rodrigues, pref. Haroldo de Campos. São Paulo: Ars Poetica / EDUSP, 2000.

HOUAISS, Antônio. Prefácio que deveria ser posfácio. In: MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 1991.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Decifrando o recado do nome: uma escola em busca de uma identidade pedagógica. In: **Revista brasileira de estudos pedagógicos.** v. 74, n. 178, p. 619-638, set/dez, 1993.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Do navegar e de navegantes.** In: Congresso Nacional da Abralic. Florianópolis. 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (org). **Cabeças Digitais: O cotidiano na era da informação.** Rio de Janeiro: Puc Rio, São Paulo: Loyola, 2006.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa.** São Paulo: Papyrus, 1994.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. **Escritoras piauienses: pseudônimos, flores e espinhos.** Mafuá - Revista de Literatura em Meio Digital, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.mafua.ufsc.br/oliviacandeia.html>> Acesso em jan. 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografias, memorias y diarios como fuente historico-educativa: tipologia y usos. In: **TEIAS: Revista da Faculdade de Educação, UERJ.** Rio de Janeiro, n.1, jun. p. 82-97, 2000.